



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERA MARIA SPERANDIO RANGEL

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E- 734

Entrevistada: Vera Maria Sperandio Rangel

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Museu do Grêmio Náutico União, Porto Alegre, RS.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 28/11/2016

Transcrição: Nathália Bender

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 26 minutos e 56 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Início do trabalho em Museus; Trabalho no Sport Club Internacional; Trabalho no Grêmio Náutico União; Envolvimento com o Centro de Memória do Esporte (CEME); Espaço; Organização dos Acervos; Acervo de Henrique Licht; Atividades no CEME; Equipe; Apoio Financeiro; Repositório Digital; Grupo de Pesquisa; Exposições.

Porto Alegre, 28 de novembro de 2016. Entrevista com Vera Maria Sperandio Rangel a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Vera, muitíssimo obrigada novamente por me receber e eu queria que você começasse falando sobre a sua formação.

V.R. – A minha formação começou já tarde, eu recomencei os estudos depois de adulta e fiz vestibular para história. Bem que eu tinha vontade de estudar medicina, mas eu sabia pouquíssimo inglês, quase nada, e naquele tempo a língua estrangeira era só o inglês, não tinha a possibilidade de fazer outra escolha, aí eu fiz para história e eu fiquei em segundo lugar, eu fiquei muito contente e fiz o curso, me formei e depois como professora eu fiz um concurso e passei no concurso, mas fiquei muito mal classificada, e vi que aquilo nunca ia ser chamada. Já tratei de ir fazer outras coisas, aí fiz Ciências Sociais, fiz bacharelado em Ciências Sociais, fiquei com uma licenciatura e um bacharelado e sempre fazendo didática e coisa para poder..., achava que era um caminho sempre dar aula. E cada vez mais eu acho isso, a pessoa vai ficando com mais idade e fica experiente e mesmo o mercado aceita o professor com mais idade, e as vezes, hoje em dia, outras profissões já vai tratando de escantear, quando a pessoa tem mais idade. Então, até por isso, mas aí enfim, fui estudando, estudando, gosto imensamente de Ciências Sociais, mas não estava contente com aquilo. Aí quando eu encontrei a museologia que houve só uma vez, só uma turma na PUC¹, em 1991, quando eu estava terminando o bacharelado de Ciências Sociais, aí eu já fui para esse pós², que era uma especialização em museologia, e aí sim que eu me encontrei, eu comecei a trabalhar, e uso todo esse saber e mais ainda precisa para a gente ter uma noção do que faz com memória, porque é bem importante, a formação, é bem importante. Mas nesse curso de especialização, a gente aprendeu muita teoria, muita coisa bacana, só que faltou muita prática, não havia, não havia documentação, não havia nada dessas coisas necessárias para a gente trabalhar depois, então isso tudo teve que ser buscado em cursinhos além daquele, cursinhos fora. Pintava um curso aqui de restauração, ia fazer, tem muita formação paralela. Aí depois mais tarde houve uma especialização,

¹ Pontifícia Universidade Católica.

² Curso de Pósgraduação.

quase ao modelo dessa da PUC, houve na UFRGS³, ai parece que houve só duas edições também. Acredito que duas, e ai mais tarde então foi criada a museologia na UFRGS. E que até hoje funciona mais ou menos precário, eu posso dizer, porque tem poucos professores da área da museologia, mas vem melhorando, porque é assim que tem que começar. E enfim, é um jeito de ter os profissionais. Agora já tem mais museólogos e eu fiz agora mais tarde, em 2013 eu defendi uma tese na museologia e agora eu sou museóloga. Porque só pode ser museólogo quem tem a formação da graduação ou doutorado, porque ai tem direito ao COREM⁴.

C.M. – Você chegou a fazer mestrado?

V.R. – Fiz mestrado também. Nem lembrei de dizer, também com museus, mas fiz nas Ciências Sociais. Sempre quando eu faço um estudo, sempre o objeto é museu, museu e museologia.

C.M. – Na graduação você fez algum TCC⁵?

V.R. – Na graduação na História parece que não tinha TCC, eu não tenho lembrança disso, eu acho que não tinha, não posso me lembrar, então eu acho que não havia. Agora nas Ciências Sociais eu fiz, mas aí fiz em Políticas, trabalhei com o Collor⁶, olha foi até um bom trabalho, mas eu não soube defender, eu tirei só sete, fiquei arrasada [Risos].

C.M. – O mestrado foi sobre o que exatamente?

V.R. – Foi o museu, o mestrado foi “Os paradigmas novo e tradicional da museologia: Os museus de calçada do centro histórico” que eu aprofundi depois no doutorado, e mesmo quando fiz um *papper*, vamos dizer assim, para a especialização, não sei como é que dão o nome quando é especialização que a gente conclui.

C.M. – É TCC também.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Conselho Regional de Museologia.

⁵ Trabalho de Conclusão de Curso.

⁶ Fernando Collor de Mello.

V.R. – Eu fiz sobre o Museu de Comunicação, que a gente fez um estudo lá, uma espécie de um estúdio.

C.M. – E sobre os museus de futebol foi o que?

V.R. – Museu de futebol foi porque eu trabalhei no Sport Club Internacional por quinze anos, e ali começou o meu interesse, que eu notava diferença entre o público que ia lá e o público que eu via frequentar os outros museus, eu achava as vezes “porque aqui há tanto entusiasmo? Porque que lá não vai ninguém, e se vai é uma coisa assim, uma visita parecia tão sem entusiasmo, sabe?” Eu comecei assim, mas depois isso não vingou, não sei se porque eu perdi a minha orientação no primeiro, no início entre a qualificação do projeto da tese. A minha professora se desentendeu lá com a universidade, Myrian Sepúlveda dos Santos, era minha orientadora e ela se desentendeu com outra colega e com a universidade, e eu fiquei prejudicada. O outro professor que entrou, outro momento, eles foram também na qualificação, corrigindo rumos, e mexendo e dando dicas assim, que como podia melhorar e ela tomou outro rumo, não ficou mais essa história de futebol e o que eles gostaram muito foi a denominação que eu dei, de Museus de Calçada do Centro Histórico, porque eu fiz uma analogia com cinemas de calçada que havia e um rapaz que fez um estudo sobre isso, porque os cinemas eles não se acabaram, todo mundo dizia que o cinema ia se acabar, se acabou, se acabou, não, eles só mudaram. Eles se transferiram para as salas fechadas nos shoppings, para lugares fechados com mais segurança. E como o museu não pode fazer isso, o museu não pode se mudar para o shopping, mas então a gente tem que trabalhar, levar as coisas para a periferia, essa é a minha ideia, deslocar né, já que a visita não pode vir, vai o museu.

C.M. – E você começou a trabalhar no Inter⁷? Como é que foi a questão do trabalho nos museus?

V.R. – Não, eu comecei a prestar serviço, foi bem pioneiro isso, porque na época eu não sabia como fazer para trabalhar, e estava bem aquela coisa da terceirização da cultura, era essa a ideia e aí eu montei uma empresa, com uma outra colega, e essa empresa por sinal

não arrumou nenhum serviço [Risos]. Então a empresa foi fechada e logo apareceu o serviço aqui no Grêmio Náutico União. Então ai eu reabri a empresa sozinha, não tive mais parceria e desde ai eu presto serviço, eventuais serviços. Eu trabalho aqui pela manhã e eventuais serviços à tarde. Mas trabalhava durante todo esse tempo de manhã aqui e de tarde no Inter, e mesmo assim ainda sobrava tempo para fazer outros serviços, como no SEBRAE⁸, uma consultoria, coisas assim. Mas tudo vem modificando, não permanece a mesma coisa.

C.M. – Quando você entrou aqui?

V.R. – 1996.

C.M. – E como você se envolveu com o Centro de Memória⁹?

V.R. – O Centro de Memória foi porque veio, no Correio do Povo¹⁰, uma notícia que o Centro de Memória e a ESEF¹¹ havia comprado, adquirido o acervo do Rolla¹². Isso nos chamou muito a atenção, então quem sabe a gente pode oferecer o serviço lá para organizar esse acervo. Foi assim que a gente foi até lá. E ai fomos recebidas, parece que a professora Silvana¹³ estava junto, isso ela que pode dizer, eu não tenho certeza. Eu me lembro da...

C.M. – Janice¹⁴.

V.R. – Da Janice e do professor que depois também foi o coordenador.

C.M. – O Molina¹⁵?

⁷ Sport Club Internacional.

⁸ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

⁹ Centro de Memória do Esporte (CEME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹⁰ Jornal Correio do Povo.

¹¹ Algumas vezes a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) é citada como ESEF, pelo costume, já que a sigla mudou em 2015.

¹² João Luiz Rolla.

¹³ Silvana Vilodre Goellner.

¹⁴ Janice Zarpellon Mazo.

V.R. – Molina, eu tenho certeza desses dois, mas tinha mais gente conosco, mas aí a gente explicou, tenho impressão que eles gostaram, mas sempre aquele problema de como pagar, não tem dinheiro e isso já vinha desde aquele tempo, mas eu não tenho certeza do ano. Eu procurei essa reportagem para te mostrar, mas não encontrei.

C.M. – A gente tem ela lá.

V.R. – É?

C.M. – Foi mais ou menos na época da reportagem então?

V.R. – Não, aí demorou, aí demorou. Como a gente fez a reunião e não aconteceu o chamado para ir fazer o serviço... E aí depois foi a professora Silvana que me chamou. E aí a gente fez um trato para trabalhar junto, aí fizemos uma parceria. As vezes ela tinha algum dinheiro, as vezes não tinha e assim a gente vai indo. Porque ela sempre está fazendo projeto, a professora Silvana é sempre muito dinâmica, e enquanto isso ela fez o CEME¹⁶ crescer muito, que eu noto hoje que ele está muito bem. É um orgulho para mim ter feito parte desse início. Porque na época a gente trabalhava Christiane, naquele, ali onde tem esportes, no ginásio, era ali, depois incendiou, foi feio aquilo, mas enfim, ali a gente já fazia as exposições, porque a professora Silvana desde que eu fui para lá, ela já tinha uns expositores iguais esses aqui, uns cubos cobertos com vidro, e ali a gente já ia fazendo exposições, fazíamos exposições fora também. Eu trouxe para ti o que eu tenho em casa, porque eu queria te mostrar uma ficha que tu havia me pedido, e eu não consegui localizar as tais fichas, mas isso aí não deve estar comigo, acho que pode levar¹⁷.

C.M. – Ah tá, ótimo.

V.R. – Era uma parceria junto com a...

C.M. – O CREF¹⁸.

¹⁵ Vicente Molina Neto.

¹⁶ Centro de Memória do Esporte.

¹⁷ Vera entrega um exemplo de ficha catalográfica para ser levada como exemplo.

¹⁸ Conselho Regional de Educação Física.

V.R. – Com o CREF é, fizemos mais de uma exposição com eles, a gente conseguiu um lugar num shopping.

C.M. – A Leila¹⁹ comentou sobre essas exposições.

V.R. – A Leila sempre é parceira, estava sempre junto comigo, nós fizemos também lá na Prefeitura²⁰, no espaço de artes que eles têm lá, e sempre criando interesse nas pessoas e levando o nome do CEME. Na própria ESEF ali já houve também exposições. Antes de ser naquela sala, um outro evento que teve, acho que uma coisa, eu não lembro bem, não me lembro bem, e depois então quando daquelas instalações que são agora, daí ficou melhor estruturado o museu, apesar da reserva técnica ser bem pequena.

C.M. – E como estava o CEME quando você começou a trabalhar lá?

V.R. – Em que sentido tu pergunta?

C.M. – O acervo, tinha alguma organização? Qual era o espaço que tinha?

V.R. – Bom, o espaço no ginásio era a sala da administração no início, ali bem na frente e depois havia também já uma sala separada onde havia muitos livros guardados, material novo, livros, uma espécie de uma biblioteca quase, mas não organizada, porque tem a biblioteca na ESEF, mas livros do próprio CEME, e ali que ficavam guardadas as roupas, as roupas não, desculpa...

C.M. – Os figurinos.

V.R. – É, os têxteis que eu gosto de falar, porque é uma coisa bem delicada para cuidar e ali então a gente tentou organizar fazendo cabos de aço e colocando em cabides, ficou mais ou menos porque não ficavam tão amontoados, mas não era uma boa solução também, não era a melhor solução, foi uma solução encontrada. E depois na transferência para lá, para o

¹⁹ Leila Carneiro Mattos.

²⁰ Prefeitura de Porto Alegre.

outro lugar onde ficou melhor, onde está agora, ai esse acervo ficou de novo na condição, hoje eu não sei como é que está, mas eles ficaram...

C.M. – Encaixotados?

V.R. – Não encaixotados, ficaram livres, mas, um em cima do outro assim, coisa que não é muito bom, não é bom.

C.M. – E o acervo de documentos?

V.R. – Os documentos então eu criei uma ficha, criei a ficha catalográfica. [Silêncio] Ontem encontrei as primeiras fichas que eu criei, trouxe para te mostrar²¹. Isso aqui eu tenho para fazer, quando eu faço uma oficina, sobre documentação, mas eu tenho certeza que tem aquela, aqueles critérios para coleção, mas eu não consegui achar. Esta aqui é a última, que eu guardei, por exemplo, para a oficina. Essa fui eu que criei. Isso aqui é de acordo com o thesauros museológico. Então é uma ficha que mesmo hoje com mais experiência, quando eu olho eu vejo que ela é uma ficha correta. Não sei o que usam hoje. Porque agora a gente também não faz muito a ficha em papel, faz mais direto na informática.

C.M. –E você que começou a fazer essas fichas então lá no CEME?

V.R. – Foi, foi.

C.M. – E o acondicionamento do material, você lembra se eles estavam já em prateleira, se já tinha...

V.R. – Não, ai a gente tratou de fazer, tinha uma funcionária, era, eu não vou me lembrar o nome da funcionária, depois ela se aposentou, e ela começou a fazer também, a gente cooperava nisso, começou a fazer uma organização em caixas plásticas, aquilo ficou bem. Está assim ainda?

C.M. – Os objetos? Sim.

V.R. – Os objetos, é. E as fotografias ficaram...

C.M. – Em pastas...

V.R. – Em pastas suspensas que não é uma boa solução porque acama o material todo que está dentro, ao longo do tempo. Então não é uma boa solução. E uma outra coisa que nunca se conseguiu comprar foi o poliéster, mas conseguimos comprar um papel que era razoavelmente bom, que era fabricado na antiga RIOCEL de Guaíba²², que é um papel neutro, ele não é branco, não tem muito ácido. Então ele não chega a ser certificado como um papel neutro, que o Brasil não certifica isso, mas era o de melhor qualidade do que esses brancos que são muito ácidos, que para fotografia não é possível deixar.

C.M. – E você lembra quais acervos tinha no CEME? Você falou do Rolla...

V.R. – Pois é, essa classificação que eu me lembro de ter feito, era isso que eu queria te trazer, e procurei bastante, não consegui, não consegui encontrar, mas eu tenho isso. Uma hora ou outra eu vou conseguir encontrar. Eu não tenho lembrança certa, mas olha, eram cinco ou seis.

C.M. – Você estava quando o acervo do Licht²³ foi doado?

V.R. – Estava, porque o acervo do doutor Licht não foi doado de uma vez só. Ele foi ao longo do tempo doando o acervo e eu tenho certeza que há uma curiosidade sobre porque que o doutor Licht dividiu o acervo dele entre o Grêmio Náutico União e a ESEF. Mas é o seguinte, ao mesmo tempo que ele era, desde a época do pai, ele era daqui do Grêmio Náutico União, ele formou-se, ele foi estudante da UFRGS, ele foi depois um profissional lá também, porque ele era médico, é médico do esporte. Então ele trabalhou lá e a vida dele social, vamos dizer assim e esportiva ele dedicou aqui no Grêmio Náutico União, então ele sempre teve esse amor pelos dois, é como dois filhos, então ele dividiu o acervo por isso,

²¹ Vera mostra as fichas.

²² Cidade do Rio Grande do Sul.

para metade que ele achou coisas mais interessantes para lá, essa divisão foi ele que fez, a gente não sabe, mas aqui no Grêmio Náutico União, o museu do Grêmio Náutico União se deve muito ao trabalho dele, ao que ele nos ensinou e ao que ele doou, e o que ele ajudou a fazer as pesquisas que ele fez e trouxe para cá, e o que ele criou aqui, porque ele criou no Grêmio Náutico União o parque ecológico na ilha.

C.M. – Ilha do Pavão?

V.R. – Ilha do Pavão. Então o trabalho do doutor Licht é a coisa mais importante, tem uma gaveta inteirinha na mapoteca só com cadernos que ele fez sobre a Ilha, são diários da Ilha que ele ia compondo com a história que ele vivia naquele dia, ele e os companheiros, e as fotografias, eu posso te mostrar ali na gaveta.

C.M. – Sim.

V.R. – É muito importante. A exposição que hoje está, que é sobre a Olimpíada desse ano²⁴ e o aniversário de 110 anos do Grêmio Náutico União tem muita citação na pesquisa sobre o trabalho do doutor Licht, ele está muito enfermo, e entristece muito a gente.

C.M. – E, que atividades que você realizou no CEME, você lembra das exposições?

V.R. – Ah, a gente fazia muita coisa no CEME, mas eu cuidava mais era da documentação mesmo, da documentação e das exposições eram essas as atividades. Mas a gente tinha uma ótima parceria, então aquilo que precisasse fazer a gente estava lá.

C.M. – Você lembra quem era a equipe além da Silvana, se tinha mais gente?

V.R. – Tinha a Silvana, a Leila, sempre tinha os estagiários que trabalhavam com a Silvana, mas no início não tinha muita gente, depois mais para o final da minha parceria lá com a professora Silvana é que teve mais gente trabalhando, e sempre havia também uma

²³ Henrique Felipe Bonet Licht.

²⁴ Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016).

boa parceria com a biblioteca. A Ivone²⁵ estava sempre por lá, e tinha essa outra funcionária da UFRGS que trabalhou bastante tempo ali e que eu não tenho lembrança do nome, que se aposentou enquanto eu estava lá. Eu me lembro desses.

C.M. – Lá no CEME tinha os livros históricos também. Como que os conhecimentos da museologia, da biblioteconomia conviviam lá no CEME, tinha uma integração?

V.R. – Christiane eu não estou lembrada disso, não estou lembrada dessa história. Eu sei que havia esses livros lá porque a gente pode fazer, os livros a gente pode registrar como acervo também, mas eu não me lembro se isso foi feito no CEME, não tenho lembrança.

C.M. – E você lembra de algum apoio financeiro que o CEME recebeu durante a sua experiência?

V.R. – Ah, eu acredito que sim porque a professora Silvana remunerava o meu serviço com apoios financeiros que ela conseguia através de programas de extensão, coisas assim, mas maior aporte nunca aconteceu, havia um projeto de construir na ESEF naquele terreno onde tem para caminhada e para corrida.

C.M. – Sim, a pista.

V.R. – É, a pista. No tempo da reitora Wrana Panizzi²⁶, aquilo foi bem forte, bem cogitado ali, não sei se tu está a par disso.

C.M. – Não.

V.R. – É, isso é uma coisa interessante para ver com a professora Silvana, havia um projeto de fazer, a ESEF aumentar para lá, ou era só o CEME, aí também é ela que vai ter que nos ajudar.

²⁵ Ivone Job.

²⁶ Wrana Maria Panizzi.

C.M. – E na época na Universidade vocês tinham algum apoio de outros espaços de memória, museus, por exemplo?

V.R. – Tu diz na...

C.M. – Na UFRGS.

V.R. – Não, não havia essa parceria ainda, porque o próprio museu da UFRGS ainda era novo e não havia essa organização que tem agora no REMAM²⁷?

C.M. – REMAM.

V.R. – REMAM, isso mesmo. REMAM. O que tinha era já quando eu ainda estava lá, a professora Silvana já estava iniciando com o acervo fotográfico naquele repositório, como é o nome do repositório?

C.M. – LUME²⁸.

V.R. – É, o LUME, que também era uma coisa que estava nova na UFRGS, que estava iniciando.

C.M. – Você participou dessa iniciação das fotografias?

V.R. – Particpei, cheguei a colocar, cheguei a colocar.

C.M. – Você lembra como é que foi o processo, porque que resolveu colocar?

V.R. – Era uma maneira, sempre uma maneira de divulgar, de colocar a memória e o acervo a disposição dos pesquisadores, é sempre esse o objetivo, para isso que a gente guarda.

²⁷ Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS.

²⁸ Repositório Digital da UFRGS.

C.M. – E nessas fotografias iniciais no LUME, teve algum processo de identificação e de pesquisa sobre as fotografias? Foram procurar os doadores para ver se conseguiam identificar as fotografias.

V.R. – Não, a gente só fazia o que tinha só.

C.M. – E você lembra se tinha algum grupo de pesquisa funcionando?

V.R. – Christiane, eu me lembro do nome agora da funcionária que é Heloisa Carmona²⁹.

C.M. – Ah, sim, esse nome tem registrado em documentos.

V.R. – Sim, ela era funcionária da UFRGS, foi ela que colaborou para organizar o acervo nas caixas. Sim, o que tu perguntaste?

C.M. – Sobre os Grupos de pesquisa.

V.R. – Grupos de pesquisa sim, estava iniciando o GRECCO³⁰, mas eu não tinha muito envolvimento com isso, mas via que a professora Silvana estava trabalhando assim. E a professora Silvana sempre se deslocando para bancas, ela não para, e a gente ficava trabalhando, esperando por ela.

C.M. – Vera, as exposições, como é que eram organizadas?

V.R. – A professora Silvana sempre dava o tema, e era sempre coisa, como que eu posso te explicar... como aqui, se o calendário da Universidade sugerisse vamos dizer assim, ou da própria sociedade. Me lembro uma vez que a gente fez, era época de Páscoa e tinha aquelas florzinha que a gente faz chá, marcela, ai eu fiz uns buquezinhos, a professora Silvana não gostou muito [Risos]. Eu fiz uns buquezinhos, porque a gente não sabia mais o que fazer para fazermos a museografia mais interessante, com poucos recursos [Risos].

²⁹ Heloisa Perlott Carmona.

³⁰ Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História.

C.M. – E essas exposições elas tinham muita visitação?

V.R. – Sim, sempre havia visitação de escolas a maioria.

C.M. – Como é que eram divulgadas as ações? Vocês faziam folder, alguma coisa?

V.R. – Não, folder sempre dependia de dinheiro, não, folder com certeza não. A divulgação eu acho que sempre foi um problema, Christiane [Risos].

C.M. – Depende de dinheiro.

V.R. – Mas também nós fizemos, eu não sei, acho que mais de uma vez, exposições onde a gente levava os expositores para a biblioteca e fazia a exposição lá, porque a biblioteca é mais frequentada que o CEME. Na época era assim, então também foi uma coisa bem bacana. Houve uma parceira, mais de um ano com Conselho Regional de Educação Física, fizemos exposições no Shopping Total juntamente com eles, íamos a noite montar e desmontar a exposição, sempre com a Leila Mattos. Foi realizada uma exposição na Prefeitura Municipal, e também lembro de viajarmos para o interior, com o acervo para expor, no campus de Erechim³¹.

C.M. – Na época já vinham muitos pesquisadores para fazer pesquisa no acervo?

V.R. – Poucos pesquisadores, não havia muitos ainda. Não havia muitos, mas sempre havia mais doação de acervo e aí que também começou o Garimpando Memórias³², a gente está esquecendo de falar. Nessa época já havia e a professora Silvana sempre preocupada de fazer uma boa catalogação dessas entrevistas, isso sempre foi muito certo.

C.M. – Como é que começou o Garimpando?

V.R. – Não sei se eu vou saber te contar o início, mas me lembrei disso, que eu já trabalhava com as entrevistas, eu fazia a ficha catalográfica, não sei se ainda tem lá.

³¹ Cidade do Rio Grande do Sul.

³² Projeto Garimpando Memórias.

C.M. – Tem, ela fica na própria entrevista agora.

V.R. – Isso é uma coisa bem importante, sim, olha isso é uma evolução já, é uma melhor maneira de guardar.

C.M. – E o Garimpando, as escolhas de quem ia ser entrevistado...

V.R. – Não passava por mim.

C.M. – Vera, tem mais alguma coisa que você queira registrar?

V.R. – Não, acredito que foi uma boa entrevista, mas pode contar comigo.

C.M. – Então está bom, então muito obrigada.

V.R. – Ai pode ser que eu me lembre de alguma outra coisa, ai a gente acrescenta.

C.M. – Está bom. Vera, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]